

MEMÓRIA E TESTEMUNHO EM INFÂNCIA DE GRACILIANO RAMOS

Rafaela Dayne Ribeiro Lucena – Mestranda (UEPB/PPGLI/CAPES)
rafaela-dayne-bb@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Memórias são relatos, a partir de acontecimentos históricos dos quais alguém participou ou foi testemunha, ou que estão fundamentos em sua vida particular. É a relação entre eventos responsáveis por trazer, ao presente, fatos acontecidos em tempos distintos, como é o caso da obra *Infância* de Graciliano Ramos, onde o autor já adulto rememora fatos ocorridos enquanto criança.

A leitura estética do passado é necessária, pois opõe-se à “musealização” do ocorrido: ela está vinculada a uma modalidade da memória que quer manter o passado ativo no presente. Ao invés da tradicional representação, o seu registro é do índice: ela quer *apresentar, expor* o passado, seus fragmentos, ruínas e cicatrizes (SILVA, 2003, p. 57).

O desejo de escrever sobre o passado muitas vezes leva o memorialista, a escrever sobre o presente ainda que de modo imperceptível, através das cicatrizes que resistem ao longo do tempo como marca última do testemunho de quem escreve suas memórias.

A arte da memória, assim como a literatura de testemunho, é uma arte da leitura de cicatrizes (Georges Perec, aliás, narra na sua obra autobiográfica a importância que ele atribuía a uma cicatriz no seu lábio superior, uma marca de “uma importância capital” que ele nunca tentou dissimular) [...] (SILVA, 2003, p. 56).

Mesmo quando essas cicatrizes não se constituem como marcas corporais, visíveis aos nossos olhos como é o exemplo da citação de Márcio Seligmann Silva, as cicatrizes que ficaram marcadas nas lembranças de quem escreve sobre suas memórias contribuem no resgate e na descrição de suas vivências passadas.

O presente trabalho tem como objetivo analisar as confissões de Graciliano Ramos a luz do testemunho e da memória coletiva presentes no romance *Infância*. Inicialmente faremos algumas considerações sobre memórias, em seguida falaremos um pouco sobre o livro e finalmente propomos a análise do capítulo *Verão* em que o menino (Graciliano) vivencia uma dura realidade enfrentada pelo homem nordestino, a seca.

1. CONSIDERAÇÕES SOBRE MEMÓRIAS

Rememorar o passado é trazê-lo ao presente em forma de lembranças ou como um testemunho de algo que alguém vivenciou e que de alguma forma o marcou a ponto de fazer parte de suas memórias anos depois, como acontece com Graciliano Ramos ao escrever o seu livro de memórias intitulado *Infância* onde o autor nos conta vários acontecimentos dessa época.

A rememoração funda a cadeia da tradição, que transmite acontecimentos de geração em geração. Ela corresponde à musa épica no sentido mais amplo. Ela inclui todas as variedades específicas da forma épica. Entre elas, encontra-se em primeiro lugar a encarnada pelo narrador. Ela tece a rede que em última instância todas as histórias constituem entre si. Uma liga a outra como demonstraram todos os grandes narradores, principalmente os orientais (BENJAMIM, 2012, p. 228).

Rememorar é também manter viva a tradição de um povo. Através das memórias alguns autores são capazes de relatar às novas gerações como eram certos costumes e práticas em tempos passados ou até mesmo difundir uma cultura já esquecida na contemporaneidade. A memória faz parte das nossas lembranças, a infância é uma das fazes das nossas vidas que mais nos lembramos, as brincadeiras, as amizades, os medos, os sonhos, todos ficam guardados nas nossas lembranças e com frequência costumamos relembra-los e reconta-los.

Nada facilita mais a memorização das narrativas do que aquela sóbria concisão que as subtrai à análise psicológica. E quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, tanto mais completamente ela irá assimilar-se à sua própria experiência, tanto mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de reconta-la um dia (BENJAMIM, 2012, p. 220).

A naturalidade em contar os fatos ocorridos consigo ou com os que participaram da história faz com que o ouvinte possa gravá-los na sua memória facilmente e se deixe cativar pela mesma. É o que acontece com o romance *Infância* de Graciliano Ramos que nos convida a nos envolvermos cada vez mais com a narrativa tão bem contada e rememorada por seu autor/narrador.

Contar histórias sempre foi a arte de conta-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje em todas as pontas, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual (BENJAMIM, 2012, p221).

Contar histórias faz parte da tradição oral, há alguns anos atrás em comunidades rurais e vilarejos a arte de contar histórias era uma das mais prazerosas formas de passar

o tempo, algumas pessoas se reuniam nos alpendres das casas ou em volta das fogueiras para recontar as histórias que já haviam escutado de outrem.

Vejamos o que nos diz Benjamim sobre a arte narrar num meio artesão.

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio artesão – no campo, no mar e na cidade –, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro de si” da coisa narrada, como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim, imprime-se na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso (BENJAMIM, 2012, p. 221).

Este tipo de narrativa como podemos perceber na citação, é uma forma de contar naturalmente uma história, sem se preocupar em aperfeiçoá-la como geralmente acontece nos romances, onde o leitor pode preencher as entre linhas do texto com a sua imaginação e/ou interpretação.

As memórias também se constituem como uma escrita de si, na medida em que através das memórias o autor escreve sobre suas próprias vivências. Sobre a escrita de si vejamos o que diz Gomes.

É cada vez maior o interesse dos leitores por um gênero de escritos – uma escrita de si –, que abarca diários, correspondência, biografias e autobiografias, independentemente de serem memórias ou entrevistas de história de vida, por exemplo (GOMES, 2004, p. 07).

Sobre as práticas da escrita de si na sociedade moderna, vê-se que o indivíduo pretende registrar a sua vida através de relatos. A busca por uma identidade o leva a uma produção do eu.

Na medida em que a sociedade moderna passou a reconhecer o valor de todo indivíduo e que disponibilizou instrumentos que permitem o registro de sua identidade, como é o caso da difusão do saber ler, escrever e fotografar, abriu espaço para a legitimidade do desejo de registro da memória do homem “anônimo”, do indivíduo “comum”, cuja vida é composta por acontecimentos cotidianos, mas não menos fundamentais a partir da ótica da produção de si (GOMES, 2004, p. 13).

Dessa forma, a escrita de si permite que o indivíduo comum possa registrar através de cartas, diários e etc. as suas memórias, aqui especificamente estamos trabalhando com o romance memorialista, mas sabemos que existe também o romance epistolar que é escrito através de cartas que as personagens escrevem durante a narrativa, através dessas cartas elas vão registrando as suas memórias a respeito de determinado assunto.

Sobre memória coletiva Halbwachs afirma que,

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 2006, p 30).

Nossas lembranças geralmente são coletivas, pois quando rememoramos, por exemplo, uma história que ocorreu há muito tempo atrás ou até mesmo recentemente nos lembramos logo de todos os que estavam presente naquele momento registrando assim a memória coletiva na medida que ao rememorar o nosso passado acabamos por rememorar o passado do outro.

Outras pessoas tiveram essas lembranças em comum comigo. Mais do que isso, elas me ajudaram a recordá-las e, para melhor me recordar, eu me volto para elas, por um instante adoto seu ponto de vista, entro em seu grupo, do qual continuo a fazer parte, pois experimento ainda sua influência e encontro em mim muitas das ideias e maneiras de pensar a que não me teria elevado sozinho, pelas quais permaneço em contato com elas (HALBWACHS, 2006, p. 31).

Essa citação de Halbwachs nos ajuda a compreender melhor o ato de rememorar, ao escrever memórias acabamos por recordar os fatos também a partir da memória do outro, no romance *Infância* Graciliano recorda até mesmo a fala de alguns sertanejos que seu pai empregava na fazenda, os seus costumes mais cotidianos, mas que eram tão importantes para o menino que permaneceram no seu imaginário por bastante tempo e acabaram por ser registradas em seu livro.

Existem pessoas de quem se diz que estão sempre no presente, que só se interessam pelas pessoas e pelas coisas que a rodeiam naquele momento, que se relacionam com o objeto de sua atividade, ocupação ou distração do presente (HALBWACHS, 2006, p. 36).

Graciliano Ramos não era como essas pessoas que só se interessam pelas coisas do presente, em seu livro *Infância* ele faz questão de se lembrar das coisas mais desinteressantes possíveis para qualquer outra pessoa menos para o menino Graciliano, ele se recorda da tristeza sentida por todos a sua volta que aquele tão enfadoso verão proporcionava, lembra-se ainda de ver o gado definhando em carrapatos e a sensação de fragilidade que aquela cena arrasadora representava para o seu pai e os seus empregados.

Dessa forma, a memória coletiva está presente na escrita de Graciliano Ramos durante toda a narrativa de *Infância*, onde ele faz questão de exaltar o seu sertão mesmo diante de tanta dificuldade, ele fala de sua infância de maneira saudosista, essa saudade que ele só consegue diminuir à medida que reconta e rememora o seu passado e o passado daqueles com quem conviveu, aprendeu e de quem nunca mais esqueceu.

2. SOBRE O LIVRO

O livro *Infância* de Graciliano Ramos apresenta para nós leitores vários relatos da infância e da adolescência do menino Graciliano. Seu autor, personagem e narrador se utiliza da memória coletiva para dividir conosco as suas experiências vividas em uma determinada parte de sua vida, a infância, dessa forma Graciliano consegue reunir neste livro não só as suas memórias, mas também a memória do outro, em suas confissões ele nos conta fatos ocorridos entre ele e os seus pais, os seus irmãos, os empregados do seu pai, o Padre João Inácio, seu avô, as outras crianças da escola, além de outras personagens com as quais ele conviveu quando era criança e que ele relata no livro.

Infância se caracteriza também como uma “literatura de testemunho”, é o relato de Graciliano Ramos adulto, que com cerca de dez anos de idade presenciou as consequências do fenômeno da seca e as marcas visíveis provocadas no semblante dos atingidos por esse fenômeno, inclusive o seu pai, ele vivenciou também a experiência do estranhamento provocado pelas diferenças entre o espaço urbano e o rural, ao chegar a uma vila e não reconhecer nenhum costume ou comportamento dos moradores da fazenda nesse novo espaço causando-lhe uma grande tristeza naquele momento.

O menino Graciliano também nos relata sobre a violência para com a criança, no capítulo intitulado *A criança infeliz* o autor usa a literatura como uma ferramenta de denúncia social, ele testemunhou durante o tempo de escola os maus tratos sofridos por um rapaz denominado por ele de *o aluno particularmente desgraçado* que era alvo de piadas e insultos no ambiente escolar, além disso, era sempre castigado pelo diretor e tinha que executar tarefas diversas que nada tinha haver com atividades pedagógicas, era maltratado também em casa por parte do seu próprio pai, isso fazia com que ele preferisse está na escola porque os castigos eram mais leves, tudo isso fez com que essa criança se tornasse uma espécie de “fora da lei” quando se tornou adulto e despertou no mesmo uma vontade de vingança. Em suma, o livro nos conta como foi à infância do escritor alagoano Graciliano Ramos.

3. VERÃO: MEMÓRIAS INDIVIDUAL E COLETIVA

Neste capítulo o menino Graciliano narra que esse verão, que para o homem nordestino é a representação da seca, lhe alterou a vida, mas que era preciso conviver com aquela realidade, pois dificilmente haveria um verão nordestino em que as cacimbas e os açudes não estivessem vazios e a vegetação não estivesse seca e murcha.

O narrador lembra que o verão nordestino tinha o poder de modificar inclusive os costumes e a cultura do povo dessa região, a alegria e o entusiasmo lhes faltavam nessa época do ano causando um mal estar coletivo nas pessoas.

O meu verão é incompleto. O que me deixou foi a lembrança de importantes modificações nas pessoas. De ordinário pachorrentas, azucrinaram-se como tanajuras, zonzas. Findaram as longas conversas no alpendre, as visitas, os risos sonoros, os negócios lentos; surgiram rostos sombrios e rumores abafados. Enorme calor, nuvens de poeira. E no calor e na poeira homens indo e vindo sem descanso, molhados de suor, aboiando monotonamente (RAMOS, 1981, p.27).

A oralidade por muito tempo fez parte do cotidiano do sertanejo, as rodas para contar estórias era uma atividade costumeira entre essas pessoas, muitas dessas estórias acabavam sendo transmitidas de geração em geração. Sendo assim, junto com o verão viam também as lendas, as estórias, o folclore, e assim a oralidade se perpetuava entre os moradores da fazenda e o menino Graciliano ouviu falar pela primeira vez no diabo.

Pela primeira vez falaram-me no diabo. É possível que tenham falado antes, mas foi aí que fixei o nome deste espírito: sem conhecê-lo direito, soube que ele andava solto nos redemoinhos que varriam o pátio, misturado a folhas e garranchos (RAMOS, 1981, p. 27).

Um dos problemas mais graves ocasionados pela seca no Nordeste é a escassez de água, disso o menino também não escapou a falta desse líquido tão precioso para a sobrevivência humana provocou o choro da personagem, a sede e falta de água em casa até mesmo para o consumo, os potes vazios causavam queimaduras na língua do menino deixando-o agoniado provocando inclusive queimaduras interiores diante da impotência de não ter água para beber.

Um dia faltou água em casa. Tive sede e recomendaram-me paciência. A carga de ancoretas chegaria logo. Tardou, a fonte era distante — e fiquei horas numa agonia, rondando o pote, com brasas na língua. Essa dor esquisita perturbou-me em excesso. Nos sofrimentos habituais eu percebia gestos desarrazoados, palavras coléricas. A minha vida era um extenso enleio que sobressaltos agitavam. Para bem dizer, eu flutuava, pequeno e leve. De repente, um choque, novos choques, estremecimentos dolorosos. Impossível queixar-me agora. Não me dirigiam ameaças, abrandavam, e as recusas apareciam quase doces. Na verdade não recusavam. Num minuto haveria muitos canecos de água. Chorei, embalei-me nas consolações, e os minutos foram pingando, vagarosos. A boca enxuta, os beijos gretados, os olhos turvos, queimaduras interiores. Sono, preguiça — e estirei-me num colchão ardente. As pálpebras se alongavam, coriáceas, o líquido obsessivo corria nas vozes que me acalentavam, umedecia-me a pele, esvaía-se de súbito. E em redor os objetos se deformavam, trêmulos. Veio a imobilidade, veio o esquecimento. Não sei quanto durou o suplício (RAMOS, 1981, pp. 27-28).

Esse mal estar chamado seca fez o menino Graciliano senti um espanto enorme ao ver o seu pai abatido na sala, logo o pai que era acostumado a dar ordens, soltar gritos furiosos tanto para o filho quanto para os empregados da fazenda e em seguida todos se apressavam para cumprir com as exigências dele, estava agora lento, silencioso ao ver o gado definhando em carrapatos e a vegetação morta, além da expressão triste dos empregados da fazenda, tudo isso era complexo demais para o menino, com aquela idade ele não conseguia entender bem a posição que o seu pai ocupava na região, o dono da fazenda, mas mesmo com toda a sua ingenuidade ele conseguia perceber as diferenças socioculturais existentes entre a sua família e as outras pessoas que ali viviam, ele notava, por exemplo, que o gibão do seu pai tinha muitos enfeites enquanto que o de José Baía, empregado da fazenda, era cheio de buracos e remendos, conseguia enxergar a diferença entre as vestes de sua família e o vestido de chita de Sinhá Leopoldina, a camisa de algodão cru dos homens que trabalhavam para o seu pai, esses homens tinham que prender arame nas estacas, suar, trabalhar duro enquanto a função do seu pai era vigiá-los e desaprovar todo o trabalho, lembra o menino, reprovava tudo

com insultos, com a chegada do verão tudo isso desaparecia, agora o seu pai estava triste e desolado como todos os outros moradores da fazenda, um homem essencialmente poderoso, mas que via esse poder abandoná-lo, deixando-o fraco e normal, na visão de Graciliano criança, que não conseguia mais perceber diferenças entre os homens da fazenda.

O verão fez surgir transformação na vida do menino e entraram em seus ouvidos a vila, uma loja e o dinheiro, era a necessidade do homem da fazenda de buscar novas formas de subsistência que não fosse, o gado e a lavoura, isso trouxe o desalento e a tristeza que abalaram o menino apaixonado pela vida do campo. Agora via o seu pai arrogante, porém submisso, agitado e apreensivo, a pouca idade do menino não o permitia entender toda essa confusão de sentimentos que havia em seu pai, anos depois ele pôde refletir que a perseguição do verão e as incertezas que ele trazia para o sertanejo fazia com que o seu pai apresentasse comportamentos agressivos “Éramos repreendidos e batidos” (RAMOS, 1981, p. 30), mesmo assim o menino compreendia que diante de todas as turbulências ocasionadas pela seca o seu pai precisava desabafar e soltar a raiva concentrada.

Essa experiência do menino Graciliano configurou-se para ele como uma espécie de trauma, um trauma coletivo que ele carrega consigo até a idade adulta, pois neste livro fez questão de dedicar um capítulo só sobre relatos da seca. Ele presenciou o trauma sofrido pelo outro, ou seja, todos aqueles que conviviam com ele.

Relacionar o nosso passado histórico com o trauma implica tratar desse passado de um modo mais complexo que o tradicional: ele passa a ser visto não mais como um objeto do qual podemos simplesmente nos apoderar e dominar, antes essa dominação é recíproca. O trabalho da história e da memória deve levar em conta tanto a necessidade de se “trabalhar” o passado, pois as nossas identidades dependem disso, como também o quanto esse confronto com o passado é difícil (SILVA, 2003, p. 76-77).

Confrontar o passado não é uma atividade muito fácil de realizar, pois como afirma Silva existe uma reciprocidade entre o indivíduo e o seu passado no que se refere a se apoderar e dominar esse passado, em alguns casos, como o trauma, por exemplo, ele também pode se apoderar de nós a ponto de ficar guardado em nossas memórias por muito tempo.

CONCLUSÃO

Segundo Walter Benjamin (2012, p. 231) “O grande narrador tem sempre suas raízes no povo, principalmente nas camadas artesanais”. Graciliano Ramos, autor, personagem e narrador do romance *Infância* se utilizou exatamente da memória coletiva para fixar suas raízes no povo. Na obra aqui analisada, o autor rememora a vida de muitos sertanejos com os quais ele conviveu na sua infância. Esse povo que tanto influenciou a sua escrita, as tradições e o cotidiano do homem sertanejo fez suscitar no imaginário do autor o desejo de escrever sobre o seu passado e sobre o passado desse povo.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 8ª ed. Revista. São Paulo: Brasiliense, 2012.

GOMES, Angela de Castro (org). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

RAMOS, Graciliano. *Infância*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1981.

SILVA, Márcio Seligmann (org). *História, memória, literatura: o Testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.